

Amigas se reúnem em torno de uma quadra de beach tennis para praticar o esporte e também bater um bom papo, tudo sem estresse

"Praia" perto de casa

ED ALVES/CB/D.A.Press



Ester Mauch, Beatriz França (C) e Ana Cláudia: uma amizade que une esporte e qualidade de vida

» *PEDRO ALMEIDA

A ocasião faz o esportista. Não são raros os casos de craques de diversas modalidades que começaram no esporte pela comodidade de ter um espaço para praticar perto de onde moravam. Para provar que a proximidade entre a casa e a quadra faz toda a diferença, o bairro do Noroeste apostou em campos de areia no intuito de incentivar os esportes de praia. O resultado foi positivo. As vizinhas Ester Mauch, 33 anos, Ana Cláudia Gomes, 35, e Beatriz, 35, se tornaram adeptas do beach tennis, ou tênis de praia, febre no bairro.

Em 2020, o mundo parou. A pandemia freou a sociedade e aboliu, por tempo indeterminado, o conceito de reuniões, especialmente em locais fechados. Aqueles que gostavam de se exercitar nos ginásios e academias sofreram um impacto a mais. No primeiro momento, as atividades físicas ficaram restritas aos quintais e salas

de estar, que tiveram os sofás arrastados para o canto para se tornarem academias improvisadas.

Com um melhor entendimento da covid-19, as atividades ao ar livre foram paulatinamente liberadas. Ainda sem poder frequentar a academia, as vizinhas Ester, Ana Cláudia e Beatriz avisaram, da janela do prédio no Noroeste, uma nova possibilidade. Elas ainda não sabiam, mas a caixa de areia de pouco mais de 200 metros quadrados na praça traria um respiro frente às dificuldades vividas e mudaria a rotina das três.

Em pleno Cerrado, a fina areia branca confinada no paralelepípedo retangular emula a faixa à beira-mar. O calor, apesar de seco, nada deve ao clima litorâneo de verão. O beach tennis que leva, no nome, a palavra "praia", achou uma nova casa bem longe de lá. O esporte, jogado por quatro pessoas, duas contra duas, funciona como uma mistura de tênis e vôlei de praia. A dupla de jogadores tem de passar a bola para o outro lado sem

deixar que ela toque o chão dentro das quatro linhas. A lógica de pontuação segue a do tênis, dividida em sets e games. No Noroeste, contudo, há uma regra especial: que promova a socialização dos frequentadores.

Na ânsia de voltar a mexer o corpo e na comodidade de apenas precisar pegar o elevador até o pilotis, as três afundaram os pés descalços nos finos grãos e empunharam a raquete. O jogo cumpriu o prometido: fez o corpo suar e manteve-se saudável; mas, além disso, trouxe um ouro escondido. O trio de vizinhas não se conhecia. Foi bem ali, resgatando a amizade de uma orla, que as três tornaram-se grandes amigas.

Hoje, o jogo é mero detalhe na relação. Ester, Ana Cláudia e Beatriz criaram um laço que vai muito além do campo e fazem, nas palavras de Ester, "de tudo juntas", mas sem deixar de bater ponto nas sessões matinais do passatempo praiano. Pela frequência que as vizinhas vão à quadra, elas acabam por se encontrarem

mais entre si do que com outras amigas que não praticam o esporte. Fica cômodo trocar confissões no banco de espera entre as partidas. À medida que as conversas avançavam, também progredia a proximidade. Hoje, as três já planejam uma viagem em conjunto, mas sem esquecer de colocar as raquetes na bagagem.

O trio não é caso isolado. Atualmente, o grupo de jogadores do bairro já soma 200 participantes. Os equipamentos, comprados com a ajuda de todos, estão disponíveis para quem quiser a qualquer hora. Basta avisar os colegas e buscar na portaria do prédio. Se a luz das ruas já estiver prestes a ser apagada, basta acionar os holofotes instalados por eles por controle remoto. A pequena caixa de areia revolucionou um bairro inteiro. Mais do que 200 jogadores, o Noroeste ganha 200 vizinhos unidos. Neste caso, a ocasião fez a vizinhança.

*Estagiário sob a supervisão de José Carlos Vieira

Unidos pelo basquete

» RENATA NAGASHIMA

Quando se encontram, um bom papo é certo. Os amigos Davi Andrade Bentes, 23 anos, Ricardo Bouvier do Nascimento Silva, 23, e Gustavo Araújo do Nascimento Santos, 23, se conheceram e se aproximaram por causa do basquete e, desde então, toda partida é regada de boas memórias e resgate de momentos marcantes que viveram juntos por causa do esporte.

Moradores do Sudoeste, começaram a jogar em uma escolinha há 15 anos e, de cara, se deram bem. "Todo mundo morava perto e a gente começou a ir para os rolês juntos. O basquete aproximou muito a gente, definitivamente", conta Davi. O estudante Ricardo concorda com o amigo. "A gente estudava no mesmo colégio e não nos falávamos. Por causa do esporte a gente começou a se falar. Em 2008 nos aproximamos para valer."

Ricardo brinca que a relação do grupo era bacana, porque o time era bom. "Era muito boa aquela época. A gente participava de campeonatos, estávamos sempre juntos", completa Davi. Foram muitos momentos juntos e o que não falta são histórias para contar. "Teve uma vez, em um campeonato, que eu fiz uma cesta contra sem querer, mas querendo. Eu fui com tudo fazer a cesta e só depois vi que tinha confundido as cestas e fiz uma contra. Eles não esquecem e até hoje é motivo de zação", recorda Ricardo.

Apesar de ter cometido a gafe, Ricardo é exaltado pelos colegas porque graças a

ele, que não errava um lance livre, o time ganhou um campeonato sub 12 contra o time do Vizinhança. "Foi bonito, cara. Ele não errava o lance. Foi engraçado porque a torcida adversária ficava gritando lá, xingando e ele nem aí, continuava acertando todas e concentrado", conta Gustavo.

Os meninos chegaram a viajar juntos para um campeonato em Anápolis, em Goiás, mas acabaram perdendo. "Nosso time estava fraco e os caras lá eram gigantes. Mas foi muito legal", acrescenta Davi. No entanto, Ricardo faz questão de destacar que o time chegou em muitas finais de campeonato. "Ganhamos vários, mas teve uma época que a gente jogava contra um cara que hoje virou profissional, aí ficou complicado para a gente. Aí ele ganhava todos os campeonatos", afirma.

Nem só de vitórias viveu o grupo, por ter poucas pessoas no time, às vezes eles perdiam por não terem integrantes suficientes. "A gente sempre passava aperto no campeonato, porque na nossa categoria tinha poucas pessoas, então tínhamos que chamar o pessoal mais novo para completar e em outros, perdíamos por WO. Então era sempre muita apreensão porque não sabíamos se ia dar o número de pessoas mínimas jogar. Além disso, não tinha como revezar, então não dava para descansar, era o jogo todo direito", lembra Davi.

Por cinco anos o grupo treinou junto no mesmo local e mesmo depois de terem seguido caminhos diferentes, a

Carlos Vieira/CB



Davi Andrade, Ricardo Bouvier e Gustavo Araújo (D): altas histórias

amizade continuou. "Do time, fomos os que mais nos aproximamos, continuamos amigos e nos encontramos para jogar. Depois entraram outros, fomos chamando mais uma galera. Mas por morarmos perto um do outro, facilitou bastante", explica Rodrigo.

"Às vezes a gente não tinha nada para fazer e aí ficávamos andando pelo Sudoeste", recorda Davi. Como não dirigiam quando eram menores, eles se encontravam na rua e costumavam fazer uma programação nas quadras próximas. "Ficávamos trocando ideia depois do basquete, na maioria das vezes, embaixo do prédio de alguém. Foi legal crescer tendo vizinhos que

gostavam da mesma coisa que eu", completa Gustavo.

Nos últimos anos, a frequência das partidas diminuiu, tanto por causa da pandemia quanto por causa da falta de dos três. "A gente está meio parado na questão do basquete, mas não paramos de jogar", diz Ricardo. Mas Gustavo rebate e afirma que os poucos encontros não fizeram com que os amigos se afastassem. "É bom, porque mesmo a gente não encontrando muito para jogar, estamos sempre conversando porque acompanhamos campeonatos. A gente discute sobre basquete e sobre o desempenho dos times. Sempre temos assunto por causa do basquete."